

FESTAS POPULARES CAPIXABAS E AS RAÍZES DE UM SISTEMA DE REPRESENTAÇÕES EM TORNO DAS TRAGÉDIAS DO MAR

Michel Dal Col Costa*

Resumo

No Espírito Santo há uma série de festejos populares protagonizados ao longo da história por populações de ascendência africana e índia. São as festas devotadas aos santos católicos construídas em formatos rituais distintos das práticas ortodoxas da Igreja. Nelas, as dramatizações populares de rua, a dança e a música de origem negra das bandas de congo são os espaços centrais das festas. A principal delas é a de São Benedito, que na Serra e em outras cidades capixabas remonta a uma espécie de mito de origem, a um naufrágio ocorrido nos mares capixabas no século XIX, cujos passageiros negros foram salvos do sinistro marinho pela ação milagrosa do santo negro. Por gratidão, a comunidade local definiu a promessa de todos os anos erguerem um quadro de São Benedito sobre um mastro, ex-voto de naufrágio que vem sendo feito desde então. Não foi possível, nas pesquisas realizadas até então, encontrar relatos jornalísticos ou escritos sobre o fato em si. Ele permanece como um objeto específico da memória tradicional popular, revestido de um aspecto mítica. Mas, por outro lado, o tema dos naufrágios enquanto problemas difíceis e dos salvamentos impossíveis como atos sobrenaturais de milagre, constituem um modo de representação comum em um âmbito espacial e temporal bem mais amplo que a região do Espírito Santo. Nesse sentido, o trabalho apresenta uma série de indícios que apontam para a existência de um sistema antigo de representações em torno do mar, ora visto como um fator de desconhecimento, impotência, temor e traumas; ora como um palco para a manifestação do poder da fé e da devoção no poder sobrenatural de Deus. Influenciado pela leitura de Alain Corbin e o seu clássico livro sobre o mar, intitulado “O Território do Vazio. A Praia e o Imaginário Ocidental” e também por uma perspectiva de história detetivesca nos moldes de Carlo Ginzburg, o texto busca apresentar uma interpretação das Festas de Mastro do folclore espírito-santense e outras manifestações congêneres, intentando situá-las como elementos, matizes, clivagens, apropriações ou manifestações práticas de uma duradoura forma de relação com o mar alicerçada na fé, marcante no mundo ocidental da era Cristã, sobretudo a partir das Grandes Navegações do Período Moderno. Assim, o texto identifica, descreve e analisa traços que compõem tal sistema de representações ao longo da história, tais como: os relatos de naufrágio do XVI ao XIX; manifestações populares brasileiras relacionadas às comunidades de pescadores e ao mar; alegorias relacionadas ao mar e aos seus temores; e, por fim, as próprias festas de mastro do Espírito Santo, dando destaque para o modelo da cidade da Serra.

Palavras-chave: Mar; Representações de Naufrágio; Cultura popular do Espírito Santo.

CAPIXABA’S POPULAR FESTIVALS AND THE ROOTS OF A SYSTEM OF THE REPRESENTATIONS ABOUT THE TRAGEDY OF THE SEA

Abstract

In the State of the Espírito Santo are a number of popular feasts perpetrated throughout history by people of african and indian descent. Parties are devoted to catholic saints built in formats distinct

* Doutorando em História Social - UNIRIO

ritual practices of the orthodox church . In them, the popular street drama, dance and music of black origin congo's group central spaces are parties. The main one is that of St. Benedict, who in the city Serra and in other cities capixabas dates back to a kind of origin myth, a shipwreck occurred in the seas capixabas in the nineteenth century, whose black passengers were saved from disaster by marine miraculous deeds of the St. Benedict. Out of gratitude, the local community has defined the promise of every year erect a framework of St. Benedict on a mast, ex-voto wreck that has been done since then. It was not possible, the research carried out so far, find newspaper reports or written about the fact itself. It remains as a specific object of popular traditional memory, coated with a mythic aspect. But on the other hand, while the theme of shipwrecks and rescues challenging problems such impossible acts supernatural miracle, are a common mode of representation in a spatial and temporal context much broader than the region of the Espírito Santo. In this sense, the paper presents a series of clues that point to the existence of an ancient system of representations around the sea, sometimes seen as a factor of ignorance, helplessness, fear and trauma, or as a stage for the manifestation of the power of faith and devotion in God's supernatural power. Influenced by reading Alain Corbin and his classic book on the sea, titled "The Territory empty. The Beach and the Imaginary Western" and also by the prospect of detective story in the mold of Carlo Ginzburg, the text seeks to present an interpretation of the parties mast folklore of Espírito Santo and other manifestations counterparts, attempting to situate them as elements, shades, cleavages, appropriations or practical manifestations of an enduring form of relationship with the sea rooted in faith, striking in the western world of the Christian era, especially from the Great Navigations of the Modern Period. Thus, the text identifies, describes and analyzes the traits that make up such a system of representations throughout history, such as the reports of the sinking of the sixteenth century; brazilian popular demonstrations related to fishing communities and the sea; allegories related to the sea and their fears, and eventually his own party mast of the Espírito Santo, giving prominence to the model of the city of Serra.

Keywords: Sea; Representations Wreck ; Popular culture of the Espírito Santo.

No Estado do Espírito Santo presenciamos todos os anos várias representações populares festivas que têm sido desde muitos anos observadas e estudadas especialmente pelos folcloristas.¹ Recentemente, a partir dos movimentos de construção de identidades do mundo globalizado a história de tais interesses foram resinificadas à luz de novas visões e sentidos (BRAVIN, 2008; LINZ, 2009). Tais festejos unem em si elementos da formação histórica de povoados de colonização portuguesa com destaque para o protagonismo dos ascendentes de africanos e também dos índios. A força destes grupos em manterem durante uma grande duração uma série de tradições em meio a uma história de submissão e estruturas de dominação são fatores que fortalecem o reconhecimento atual diante de suas práticas culturais. Assim, se fortaleceu o interesse e o apoio às bandas de congo e às suas festas tradicionais ligadas ao universo católico.

Uma das cidades onde tais manifestações folclóricas se apresentam aos holofotes desde dezenas de anos é a Serra, município capixaba de origem jesuítica, tanto pela sua sede principal como pela sua parte balneária representada pela antiga aldeia jesuítica de Nova Almeida. Entre estes dois polos principais que remontam à origem da colonização portuguesa, no século XVI, se constituiu uma série de povoados ao longo dos séculos em um processo específico que foi até meados do século

¹ Cf. textos do folclorista capixaba Guilherme Santos Neves: *Bandas de Congos*. Cadernos de Folclore. Rio de Janeiro: MEC/Secretaria de Assuntos Culturais/FUNARTE, 1980. Nº. 30; *Mastros, Bandeiras e Barcos nas Festas do Povo*. Folclore, Vitória-ES, n. 27-29, novembro de 1953 a abril de 1954; *"Puxada do Mastro" em Pitanga*. Artigo publicado em Folclore, Vitória-ES, n. 27-29, de novembro de 1953 a abril de 1954.

XX, quando a cidade ingressou em um movimento de modernização e mudou completamente a sua estrutura econômica e demográfica. De uma mancha populacional rarefeita ligada exclusivamente ao setor agrário, a Serra entrou na década de 1960 em uma nova era a partir dos grandes projetos portuários e industriais. Tal virada mudou completamente a cara da cidade, transformando-a em uma cidade populosa, industrial, urbana e em constante mutação modernizante.

Não obstante os impactos metropolitanos sejam grandes, o que cabe ainda medir, a cultura antiga e tradicional das bandas de congo, das músicas tradicionais das marchas da Banda Estrela dos Artistas (grupo tradicional musical de desfile da cidade) e as festas de mastros em vários locais ligados à antiga mancha do povoamento antigo, perdura. E teve nos últimos anos uma série de impulsos, tais como leis de incentivo, convênios financeiros com parceiros públicos e privados, registros audiovisuais, estudos sistematizados, etc. O conjunto de festas constituem o chamado “Ciclo Folclórico e Religioso da Serra”, como passou a ser chamado em expressão moderna tanto pelos agentes culturais como pelo poder público que agregaram valor e entendimento à tradicional cultura local.

As festas das bandas de congo da Serra e também de outras cidades capixabas seguem um modelo básico que se resume em ritos em torno da celebração de santos da Igreja Católica, especialmente São Benedito. Este ícone do cristianismo católico foi desde séculos primordiais do Brasil fonte de devoção das camadas mais pobres da população, entre eles até indivíduos na condição escrava. Em torno dele, em várias cidades brasileiras, como, por exemplo, Vitória e a Serra, se formaram irmandades religiosas que cruzaram o século XIX congregando o povo, organizando serviços básicos e também as festas religiosas com forte participação popular.²

Na Serra e no Espírito Santo, porém, o universo de práticas e representações em torno de São Benedito ganhou um matiz próprio, sem perder, porém, de vista, os vínculos com raízes e sistemas de representações que são remotos no tempo e amplos no espaço. Há na cidade da Serra, em Vitória e em várias outras cidades de toda uma área cultural onde existem as bandas de congo, festas de mastro e a devoção a São Benedito, a crença em uma espécie de memória tradicional e popular, tida por muitos como uma lenda, que aponta para um acontecimento traumático para toda uma época que se tornou em um evento fundador para uma série de representações populares que situam a Serra, especialmente o antigo município de Nova Almeida e o seu mar, como o centro de um sistema mítico-religioso.

Conta a memória tradicional, que um navio que cruzava a barra do mar daquela região, e que carregava escravos, sofreu um sinistro marinho. Diante do inevitável e traumático naufrágio, os negros não pestanejaram suplicando aos céus, nominalmente à São Benedito, negro como eles, para que os salvassem. E assim se cumpriu. Como gratidão estas pessoas, misteriosamente adotadas pela região, criaram uma espécie de ex-voto de naufrágio: um quadro com a imagem do santo preto italiano para ser erguida sobre um mastro, diante da igreja do lugar. A população local liderada pelos festeiros (espécie de produtores culturais) ao longo da história estruturou e regrou tais eventos enquanto rituais padronizados para serem repetidos em tempos litúrgicos ligados tanto a criatividade popular como ao calendário católico. As próprias comunidades católicas locais foram agentes fundamentais na construção ao longo dos tempos destas festas tradicionais da cidade, musicada de modo característico pela música de origem africana das bandas de congo (COSTA, 2012).

As festas serranas e capixabas de mastro não são fruto apenas da imaginação popular local.³ Elas estão inseridas em um universo muito mais amplo que envolve todo o Brasil e também o globo

² Para uma visão da devoção a este santo no Espírito Santo, conferir: ELTON, Elmo. *São Benedito. Sua Devoção no Espírito Santo*. Vitória: DEC/ES e Minc, 1988.

³ Com intuito de ampliar o conhecimento sobre a história das festas de mastro no Espírito Santo, no século XIX, conferir: SIQUEIRA, Francisco Antunes, 1832-1897. *Memórias do Passado: a Vitória através de meio século*. Edição de texto, estudos e notas de Fernando Achiamé. Vitória:

como um todo. Afinal o mar e a relação com ele, tanto naquilo que ele traz de positivo quanto no que ele reserva de amedrontador, misterioso, terrível, é um tema constante desde de tempos profundamente remotos. As representações em torno do mar, seja como uma benção de Deus, seja como um fator de temor por parte dos homens foi tematizado por culturas antigas seja judaico-cristã quanto pagãs. A Bíblia Sagrada em vários momentos o representa seja como um dos elementos da criação quanto como um fator incontornável da natureza em termos humanos, mas sujeito apenas aos desígnios de Deus. A cultura clássica grega e romana, a partir de vários teóricos também o retratou e o viveu. Tais raízes positivas e negativas em torno do que o mar pode oferecer cruzou os tempos, e foi assunto da pena de intelectuais, literatos, pintores e poetas ao longo de todo o mundo moderno e até contemporâneo (CORBIN, 1989). Afinal, apenas no século XX que o transporte aéreo surgiria e chamaria a atenção do imaginário humano. Até que isso ocorresse, especialmente no século XIX, época em que surgiu o sistema mítico-religioso do milagre do salvamento e do ritual anual do ex-voto das bandas de congo da Serra, o transporte marítimo ainda era o que havia de mais tecnológico em termos de ligação do homem no globo. Mesmo, com os avanços tecnológicos que tais anos presenciaram, o século XIX assistiu ainda a vários naufrágios, sinistros e tragédias marinhas.⁴

Pode-se asseverar que as representações e dramatizações populares das festas de mastro, navio e devoção alicerçada no sistema mítico-religioso que tem como centro a ação providencial do poder sobrenatural cristão, estão inseridas em uma forma de interação com o mar, e, portanto, a um sistema de representação que aglutina uma série de crenças e entendimentos comuns ou coletivos que ultrapassam a barreira dos limites do município da Serra ou da região que hoje compreende ao Estado do Espírito Santo. Podemos trabalhar com tal perspectiva ao analisar uma série de indícios que apontam para a complexidade da descrição de tal visão, que se formou ao longo da história da humanidade. A relação traumática com o mar na Serra e no Espírito Santo, tendo como base a história tradicional que os antigos moradores ligados às classes subalternas anônimas, culminou com uma alegria muito grande em termos de gratidão. Tal alegria gerou uma promessa cumprida anualmente pelos descendentes da região, que é adornada por práticas festivas de dança, música e euforia popular. Em torno da mulher, da rainha da banda de congo, que carrega ao longo de todo o percurso pelas ruas da cidade o quadro ou bandeira ou ex-voto de naufrágio com a imagem de São Benedito se construiu tanto na primeira festa mítica quanto em todas as suas reatualizações ao longo das décadas um cortejo festivo que só cresceu em elementos comemorativos. Um trauma que não ocorreu para algumas pessoas, pois o salvamento milagroso, ou a crença nele, gerou em uma sociedade oitocentista marcada pela escravidão e suas possíveis violências, a criação de um ritual coletivo de festa (COSTA, 2012).

E esta relação pedagógica ou mesmo celebrante também ocorreu em outras formas de apreciação e representação da relação traumática com o mar. Isto pode ser visualizado nos relatos de naufrágio da chamada história trágico marítima e também em outros elementos do folclore brasileiro e também internacional (BRITO, 1998).

Os jornais capixabas do oitocentos, que constituía uma rede de co-publicações com outros jornais brasileiros da época, praticavam os chamados relatos de naufrágio como notícias jornalísticas. Todos estes textos traziam em si o temor para com os sinistros marinhos e suas tragédias, bem como

Floricultura: Cultural – ES, 1999; COSTA, Michel Dal Col. *Vou pra Serra pra ver história do congo ole á! Estudos históricos sobre festas populares da região central do Espírito Santo*. Relatório de pesquisa. Serra: Associação das Bandas de Congo da Serra-ABV, 2012, especialmente capítulos 1, 2, 3, 4 e 5.

⁴ Cadastro Nacional de Naufrágios. Site Brasil Mergulho. Disponível em: <http://www.brasilmergulho.com.br/port/naufragios/cadastro/index.shtml>. Acesso em: 25 abr. 2011; Naufrágios no Espírito Santo. Saite Naufrágios. Disponível em: <http://www.naufragios.com.br/naufragiosespiritosanto.html>. Acesso em: 11 mar. 2010.

o fator inseparável da devoção e crença inequívoca do poder sobrenatural de Deus e de seus santos e anjos na salvação muitas vezes impossível ao homem e as suas tecnologias.⁵

Os relatos de naufrágio devocionais, no entanto, era um tipo de literatura muito usada e também amada, por causa do exemplo que trazia para todos os que se dedicavam à vida no mar e para o povo. Era um fortalecedor da fé, como didática das atitudes que se deveria ter em momentos duros, como os provenientes dos problemas em alto-mar, diante das tempestades e dos medos que elas produziam.

Josias Pires Neto nos coloca a par deste gênero literário, que floresceu muito durante o Renascimento e na literatura lusitana (os velhos ciclos dos argonautas) a partir do Século XVI, quando na era das Grandes Navegações este sistema de representações e de condução da prática se enriqueceram até mesmo com as novas tecnologias de impressão. Carlos Francisco de Moura, como indica Neto, apontou para os matizes deste sistema de representações, quando utilizou alguns destes relatos, para estudar o folclore brasileiro, como as performances de marujos encenadas em alto-mar, como autos, entremezes, diálogos, comédias, folias, chacotas e também festas e procissões religiosas como a de Corpus Christi e do Divino Espírito Santo. Realmente, o aspecto religioso é frequente nestas narrativas, quase sempre feitas como obras de louvor a Deus pelas bênçãos alcançadas nos difíceis momentos dos naufrágios. Assim, podemos verificar que a base dessa mentalidade ou representações coletivas e comuns, é por um lado a percepção do mar como algo incontrollável e temido pelo homem; e por outro, a certeza de que, no universo da fé divina, esse controle é perfeitamente possível, uma vez que se o mar é grande, Deus o pode colocar dentro de sua mão.⁶

Um exemplo deste tipo de literatura que podemos citar foi organizado por Bernardo Gomes de Brito, publicado em dois tomos, em Lisboa, entre os anos de 1735 e 1736. Neste livro constam vários relatos de naufrágios feitos por sobreviventes que estiveram com a morte bem próxima. Nele encontram-se relatos escritos no Século XVI por vários indivíduos que viveram as agruras do “mar tenebroso”, reveladores de uma mentalidade que perdurou durante séculos, e se encontra cristalizado nos rituais de mastro das bandas de congo da Serra. Tais relatos e o sistema mítico e religioso das festas de mastro do Espírito Santo que se fundamentam no milagroso salvamento, pode-se dizer, possuem um mesmo modo de pensar e agir. Uma das coisas que interessam destes relatos é aquilo que Alexei Bueno, que faz a introdução do livro, chamou de “grande força psicológica” submergida nas grandes navegações, a *fé religiosa* presente neste universo, uma fé que, nestes momentos de grande tribulação (os naufrágios), provinha de forma sincera. Segundo Alexei, vemos nestes relatos um “invariável frenesi religioso, que se apossava dos ameaçados de naufrágio ou dos já naufragados em desertos” (BRITO, 1998, p.10).

De todos os relatos presentes na “História Trágico-Marítima”, selecionamos dois para serem resenhados, pela forma como foram feitos e porque tiveram relação com o Brasil. São eles: o vivido pelo capitão Manoel de Sousa Sepúlveda, intitulado: “Relação da mui notável perda do Galeão Grande São João em que se contam os grandes trabalhos e lastimosas coisas que acontecerão ao Capitão Manoel de Sousa Sepúlveda e o lamentável fim que ele e sua mulher e filhos e toda a mais gente houve [sic] na Terra do Natal, onde se perderão [sic] a 24 de junho de 1552”; e o relato

⁵ Para o ano de 1873 apenas, conferir alguns indícios sobre naufrágios e navios nos seguintes números do jornal capixaba oitocentista “O Espírito-Santense”: Nº 163. Vitória, 16 de janeiro de 1873. Ano III; Nº 196. Vitória, 03 de abril de 1873. Ano III; Nº 202. Vitória, 19 de abril de 1873. Ano III; Nº 205. Vitória, 26 de abril de 1873. Ano III; Nº 212. Vitória, 13 de maio de 1873. Ano III; Nº 295. Vitória, 25 de novembro de 1873. Ano IV; Nº 299. Vitória, 04 de dezembro de 1873. Ano IV.

⁶ PIRES NETO, Josias. Dramas no Mar. Memória das Grandes Navegações Marítimas nas Chegadas de Marujos ou Marujadas. Fundação Cultural da Bahia. Disponível em: [HTTP://www.fundacaocultural.ba.gov.br/04/revista%20da%20bahia/Folguedos/dramas.htm](http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/04/revista%20da%20bahia/Folguedos/dramas.htm). Acesso em: 28/12/2010.

intitulado “Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho vindo do Brasil para este reino no ano de 1565”, escrito por Bento de Teixeira Pinto, que fez parte do episódio.

1 – O GALEÃO SÃO JOÃO

O primeiro relator, o do galeão São João, deixa registrado que o seu texto servia para o fim fundamental de proporcionar um exemplo de fé para quem o lesse. Escreveu ele:

Coisa é esta que se conta neste naufrágio para os homens muito temerem os castigos do Senhor e serem bons cristãos, trazendo o temor de Deus diante dos olhos, para não quebrar os seus Mandamentos. [...] E por me parecer história que daria aviso e bom exemplo a todos, escrevi os trabalhos e morte deste fidalgo [Capitão Manoel de Sousa Sepúlveda] e de toda a sua companhia, para que os homens que andam pelo mar se encomendem continuamente a Deus e a Nossa Senhora, que rogue por todos. Amém (BRITO, 1998, p.5).

Segundo o cronista, o capitão Manoel Sepúlveda partiu de Cochim a 3 de fevereiro de 1552, para uma viagem que acabaria sendo “desventurada”. Depois de alguns dias e de muitos problemas climáticos, o galeão foi danificado no leme. Mesmo assim, o caso ficou em segredo entre o carpinteiro e o mestre do navio, que não contaram nada ao capitão ou nenhuma outra pessoa, para “não causar terror e medo na gente” que estava a bordo. Depois de alguma calma, o vento retornou forte e “parecia que Deus era servido do fim que ao depois tiveram”. Isto só piorou o estado do mar, que ficou revoltado e era difícil realizar os trabalhos necessários. Foi então que se decidiu por cortar o mastro, o que, quando o iam fazer, o mastro subitamente se arreventou (isto faz termos uma ideia de quão revoltado estava o mar e o tempo). Conta o cronista que, depois de toda aquela situação, as pessoas a bordo “se encomendaram a Deus”, porque, diante de tão dura situação, somente “por um milagre de Deus” o navio se sustentava sobre o mar. A situação fê-lo se partir ao meio e, depois, em muitos pedaços, gerando pânico nas pessoas, que se lançaram “sobre a caixaria e madeira à terra”, morrendo muitos dos que se lançaram, constando 40 portugueses e 70 escravos. A rica nau se fez em migalhas neste desastre.

A tragédia horrorosa levou para uma praia o Capitão Sepúlveda e muita gente, composta por sua família, muitos portugueses e escravos. Lá, ele falou aos naufragos, ressaltando que fora devido a ser “Nosso Senhor tão piedoso que ainda nos faz tamanha mercê que nós não fôssemos ao fundo naquela nau, trazendo tanta quantidade de água debaixo das cobertas; prazerá a ele, pois, que, servido de nos levar a terra de cristãos, [...] haverá por bem que seja para a salvação de suas almas”(BRITO, 1998, p 14). Muito comum nos relatos de naufrágio, em meio de cristãos, é o nome e o trabalhar de Deus. Era a Ele que se recorria nestes momentos horrorosos e difíceis, nas orações, nas

CAMPOS, A. P.; VIANNA, K. S. S; MOTTA, K. S. da; LAGO, R. D. (Org.). *Memórias, traumas e rupturas*. Vitória: LHPL/UFES, 2013, p. 1-17.

súplicas aflitas, nas explicações dos acontecimentos, nos discursos dos líderes e em muitas outras situações. A situação na praia depois do naufrágio era dura, não tinham água ou comida e a recomendação era de que todos “se encomendassem a Deus”.

Este é um relato de naufrágio muito semelhante ao vivido pelo famoso viajante espanhol Cabeza de Vaca, que relatou em seu “Naufrágio” as agruras por que uma frota de navios espanhóis passou depois de um naufrágio próximo ao México (BRITO, 1998, p. 10). Eles ficaram vagando em busca de soluções para os problemas diversos que tiveram e diz o escritor que foi fundamental a fé que depositaram em Deus e no nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A nau Santo Antônio

Muito mais revelador e interessante para a contextualização que estamos fazendo da explicação tradicional da Festa de São Benedito da Serra no interior de um sistema de representações, remoto e amplo no tempo e no espaço, é o segundo naufrágio, a partir do relato que fez Bento Teixeira Pinto. Ele esteve presente à tragédia, assim como Jorge de Albuquerque Coelho, “donatário e filho do donatário de Pernambuco [Duarte Coelho], em 1565, onde o heróico e o religioso se misturaram, até uma resolução que chega de fato a parecer milagrosa” (CABEZA DE VACA, 1999).

No “Prólogo ao Leitor”, Bento Teixeira diz que “costume muito bem recebido entre os antigos era, quando alguma pessoa escapava de notável perigo ou enfermidade, apresentar no Templo uma tábua em que o perigo que passara estivesse escrito”. E que, no caso deste naufrágio, pela estranheza, deveria ser muito bem relatado, pois cumpria as razões para tal. Escreve ele:

[...] a obrigação que temos todos os que chegamos vivos deste trabalho a porto de salvamento de notificarmos ao mundo a mercê que a Virgem Madre de Deus nos fez em nos livrar dos estranhos e não cuidados trabalhos que passamos; e a segunda, mostrar o remédio de que nós neste caso tão tenebroso aproveitamos, que foi de muitas lágrimas, contrição e arrependimento de culpas passadas, pedindo de contínuo misericórdia a Nosso Senhor (BRITO, XXXX, p. 10).

Cremos ser interessante inserir mais um trecho do “Prólogo”, porque é certamente fundamental para compreendermos mais um pouco da concepção que fundamenta a memória tradicional e o sistema mítico e religioso da Festa de São Benedito da Serra, a festa das bandas de congo. Trata-se de um texto que expressa a sua razão de ser: o louvor a Deus por tão grande misericórdia e graça alcançada. Assim diz:

[...] seria ingrato às grandes mercês que de Nosso Senhor recebemos os que deste naufrágio escapamos, dos quais eu [Bento Teixeira Pinto, o redator] fui um deles e o mais pecador, determinei fazer esta Relação por ver quantos anos há que isso

aconteceu sem até hoje haver pessoa que de cousa tamanha fizesse memória [...]Porque meu intento principal é ser Nosso Senhor louvado e glorificado de todos, o qual, usando de sua benignidade com afligidos, os tira de perigos e chega a salvamento. Pelo que peço não olhem as palavras, que são as que são, mas o intento, que é ser o Senhor louvado para sempre (BRITO, XXXX, p. 264.).

Jorge de Albuquerque Coelho ia para o Reino (Portugal) depois de ter realizado trabalhos de tornar os inimigos quietos e pacíficos na então Capitania de Pernambuco e embarcou na nau Santo Antônio, que sofreria o naufrágio relatado por Bento Teixeira. O Santo Antônio era um navio novo, de 200 tonéis, que recebeu carga no Porto de Olinda. Tinha como mestre Antônio Rodrigues e como piloto Álvaro Marinho, considerados por Bento Teixeira como hábeis e experientes navegadores. Na primeira tentativa de saída, na quarta-feira, 16 de maio de 1565, tiveram problemas na boca da barra e voltaram. Tentaram uma nova saída mais de um mês depois, na sexta-feira, 29 de junho. Jorge de Albuquerque foi aconselhado a mudar de embarcação, mas, afirmando que confiava na misericórdia de Nosso Senhor, foi-se na Santo Antônio mesmo, com todos os de sua companhia. Após poucos dias de viagem, tiveram problemas, pois coisas quebraram e a nau fazia água. Bento Teixeira pensou que parecia que Deus queria avisá-los do que ocorreria de pior com aquela embarcação. Os problemas geraram falta de alimento e apareceu mais uma vez, conforme Bento, a figura bondosa de Jorge de Albuquerque, que dividiu com todos o alimento que trazia. E também apaziguou discórdias aparecidas a bordo, “lançadas entre os marinheiros pelo Demônio”, segundo o relator.

Para ficar pior, a nau com problemas recebeu a visita de um corsário francês, que queria saqueá-la, porém mais uma vez Jorge de Albuquerque pôs-se com segurança e fé diante dos franceses, confiante na misericórdia de Nosso Senhor. Com os problemas climáticos e os ventos muito fortes, estando-se já no mês de setembro, houve separação das duas naus. Mas os problemas na Santo Antônio se agravaram e aumentava a possibilidade de naufrágio.

É oportuno observar atentamente o momento de aflição e fé descrito por Bento Teixeira, na passagem abaixo, pois possui é uma espécie de narrativa que está implícita no naufrágio que deu origem da Festa de São Benedito da Serra:

Vendo-se todos em tão tenebroso passo sem leme, com mares tão grandes e grossos, começaram alguns, e quase todos, a desmaiar. E vendo Jorge de Albuquerque todos tão trespassados e com tanta razão, posto que ele sentia o que todos e cada um por si sentia, os começou a esforçar com muitas palavras, a animar a todos com dar ordem para se buscarem meios com que a nau governasse, e os demais se puseram de joelhos a pedir a Nosso Senhor e a sua Mãe Santíssima os livrasse de tamanho trabalho e perigo (BRITO, 1998, p. 273).

A situação só piorava, chegando a um momento em que os danos eram tantos, por causa do clima e do mar revoltado, que a embarcação chegou a ficar quase submersa, o que levou os que estavam a bordo a entrarem em grande pânico, entendendo que chegava a hora da morte.

[Nestes momentos] e com este temor, chegaram todos a um padre da Companhia de Jesus, por nome Álvaro de Lucena, que com eles vinha, e a ele se confessaram com as mais breves palavras que cada um podia, porque o tempo não dava lugar para mais. E depois de confessados e se pedirem perdão uns aos outros, se puseram todos de joelhos, pedindo a Nosso Senhor misericórdia, tomando por intercessora a Sacratíssima Virgem Nossa Senhora, Mãe do Filho de Deus, Senhora da Luz e de Guadalupe (BRITO, 1998, p. 274).

Era uma situação realmente horripilante para todos, inclusive para os franceses do corsário pirata, que estavam no Santo Antônio no momento em que começou a tormenta. Quando seu navio desapareceu, os franceses também se colocaram de joelhos e pediram perdão aos tripulantes do Santo Antônio, afirmando que era por causa deles e de seus pecados que tal coisa estava ocorrendo.

Jorge de Albuquerque, como um herói, mantinha a serenidade e falava a todos que estavam a bordo que tivessem fé na misericórdia e na bondade de Deus e continuassem lutando, trabalhando no que era necessário, como o duro trabalho de esgotar a água no convés. Dizia: “De mim, vos afirmo que espero na bondade que nos há de livrar do perigo que estamos e que me hei de ver em terra ainda aonde hei-de contar isto muitas vezes, para que o mundo saiba a misericórdia que Nosso Senhor usou conosco.” Para nosso relator, Jorge de Albuquerque era como o apóstolo Paulo, que, pela fé em Deus, salvou toda a tripulação de um naufrágio, conforme relatado na Bíblia.

Os dias iam se passando e a tormenta que afligia o Santo Antônio não cessava. Conta Bento Teixeira que ninguém nem se lembrava de se alimentar, tamanho era o terror. Segundo ele, todos ficavam em súplicas todo o tempo, clamando para que o Todo Poderoso tivesse misericórdia e os livrasse daquele estado triste, pois estavam quase todo o tempo embaixo d’água, sem leme, sem mastro, sem velas, sem vergas, sem enxárcias, sem amarras, sem âncoras, sem batel e sem nenhuma água ou mantimento. E todos tinham a convicção, que vinha até mesmo nas palavras de Jorge de Albuquerque, de que não havia remédio humano possível para a libertação daquele estado, de que somente Deus, com seu infinito poder, seria capaz de livrá-los.

Depois de todas estas situações, veio a calmaria, a 23 de setembro [o navio zarpou em junho], e o mar ficou muito calmo. Mas, nas condições em que estavam seus equipamentos, ficou à mercê dos rumos por onde o mar e o vento o levassem. E Jorge de Albuquerque, “com grande segurança de

rosto”, a todo o momento buscava consolar os companheiros de infortúnio e discursava e falava-lhes de tudo que tinham recebido pela misericórdia de Deus. Dizia que o que ouviam eram “mimos de Nosso Senhor” e relatava que o que tinham passado eram verdadeiros milagres. Ele falava de sua certeza de que seriam salvos e que quando chegassem a Lisboa iria testemunharem da grande misericórdia que Deus teve para com todos, conclamando todos a fazerem o mesmo. Foram realmente admiráveis a força de fé e as inúmeras intervenções feitas a bordo por Jorge de Albuquerque, de tal forma que o relato de Bento parece focar neste assunto, na pessoa de Jorge, o grande líder de fé junto aos outros daquele tão horripilante acontecimento.

No dia 2 de outubro, aproximaram-se da terra, entre as Berguelas e a Roca de Sintra, onde, depois de esperarem muito, porque era perigoso ir nadando até a margem, foram salvos por uma barca pequena, de bondosos homens, que tinham como certo que os náufragos só chegaram ali por obra milagrosa de Deus. Alguns desembarcaram em Cascais e outros em Belém, “a pé enxuto”, conta Bento: “Uns e outros logo ali começaram a cumprir suas romarias que traziam prometidas, dando muitas graças a Nosso Senhor pelas grandes e misericordiosas mercês que conosco usara (BRITO, 1998, p. 289).”

“Dramas no mar”

Com estes exemplos, temos uma mostra do tipo de situação que podem ter vivido os náufragos que deram origem à Festa de São Benedito da Serra, quando clamaram pelo poder divino, por uma força que não tinham. E mostram alguns elementos e crenças comuns do sistema de representações coletivas que fundamenta e na qual está inserida a explicação tradicional da festa das bandas de congo na Serra. A estrutura processual que envolve a situação dramática de um naufrágio, mesclada com a fé exigida e a humildade necessária nestes momentos, entendida como exemplos para a vida em bonança. Mostram ainda que o salvamento alcançado, dadas as condições, se revela como milagroso, sobrenatural, fora das possibilidades humanas, mas bem possível a Deus, a seu poder, sua misericórdia.

Este tipo de modos de pensar comuns que envolve as relações com o mar aparece em outros grupos ditos folclóricos e na poesia popular brasileira, sobretudo a litorânea que tem relações com o mar e a navegação. Tais matizes ou clivagens do sistema de representações que relaciona o mar com a fé (que está sendo descrito e analisado neste artigo) expressam a amplitude e complexidade de tais visões que envolveram vários estratos sociais e também culturais em todo o mundo. Isto é percebido quando lemos o interessante artigo que Josias Pires Neto veiculou na Internet, intitulado “Dramas

CAMPOS, A. P.; VIANNA, K. S. S; MOTTA, K. S. da; LAGO, R. D. (Org.). *Memórias, traumas e rupturas*. Vitória: LHPL/UFES, 2013, p. 1-17.

no Mar. Memória das Grandes Navegações nas Chegadas de Marujos ou Marujada”, rico olhar sobre esta manifestação folclórica que também existiu no Espírito Santo. Muitas Marujadas têm São Benedito como padroeiro, aspecto que, no Brasil, aproxima este folguedo das bandas de congo capixabas e outras manifestações culturais com forte influência de indivíduos de ascendência africana.

No texto de Josias Pires, há um estudo da “Chegada de Marujos de Boa Esperança”, do Município de Camaçari, Bahia, pelo qual o escritor busca ver que este folguedo traz um eco do imaginário das grandes navegações marítimas da época dos descobrimentos. Para o escritor, nas performances dramáticas dos brincantes, “nos sentimos embarcados nas naus que atravessavam o mar tenebroso nos Séculos XV, XVI, XVII e XVIII”. É muito interessante ver que esta colocação confere plenamente com as imagens da antiga “Marujada São Paulo” feitas pela Comissão Espírito-Santense de Folclore, cuja embarcação é uma das mais famosas do universo dos relatos de naufrágio, como vimos.

Temos, então, nestes folguedos populares novos exemplos em práticas diversas da manifestação do sistema de representações que estão presentes nos relatos de naufrágios. Aspecto subjacente também na explicação tradicional da Festa de São Benedito da Serra como um elemento que alimentava a comunidade ao longo daqueles tempos passados, época em que a navegação era muito presente na vida em geral. Tal espírito de fé está presente ainda nas comunidades de pescadores, especialmente aquelas integradas ao universo da fé cristã.

Josias Pires diz que “o fundamento mítico das Marujadas deve ser buscado nas recriações artísticas que resultaram das provas de coragem do enfrentamento das tempestades em alto-mar e da dolorosa experiência do naufrágio”.⁷ Isto é, o sistema de representações e de modos de interação com as contingências do mar tenebroso, que se enquadra perfeitamente no sistema mítico e religioso das festas das bandas de congo, naquilo que as liga ao mito de origem do naufrágio e o milagre de Nova Almeida.

Josias nos coloca a par dos romances centrais do espetáculo das Marujadas, o que revela a ligação forte da literatura popular com os relatos de naufrágios. Ele cita o famoso episódio da “Nau Catarineta”, amplamente estudado pelos pesquisadores da literatura popular, que conta a história de um navio que foi alcançado por uma grande tempestade, o que o levou a ficar à deriva no mar durante sete anos e um dia, com a fome e a possibilidade da morte acometendo todos a bordo. Josias observa que há fragmentos deste romance em muitas Marujadas e que Mário de Andrade indicou

⁷ PIRES NETO, Josias. Dramas no Mar. Memória das Grandes Navegações Marítimas nas Chegadas de Marujos ou Marujadas.

CAMPOS, A. P.; VIANNA, K. S. S; MOTTA, K. S. da; LAGO, R. D. (Org.). *Memórias, traumas e rupturas*. Vitória: LHPL/UFES, 2013, p. 1-17.

outros velhos romances que constituíram as Marujadas, como “Corsário da Índia”, “Conde da Armada” e “Triste Vida do Marujo”. Para Josias, nestas apropriações houve um processo de bricolagem, elemento típico dos processos míticos, nos termos em que pensou o antropólogo Claude Lévi-Strauss.

Na Marujada, conforme Josias, a cena fundadora é a do barco à deriva, do naufrágio, o que indica que muitos autores europeus teriam criado obras teatrais ou literárias com base nesta cena, que expressa aventura, possibilidades de riquezas e de morte, uma vida cheia de perigos. Tais elementos também são aspectos do sistema de representações em torno do mar, os quais se configuram como matizes desse processo histórico no mundo.

Muitas Marujadas têm São Benedito como padroeiro e isso é um aspecto que aproxima este folguedo das bandas de congo capixabas e outras manifestações culturais com forte influência de indivíduos de ascendência africana no Brasil. É muito interessante também, como comparação, observarmos uma canção que é cantada na representação da marujada, canção esta que as bandas de congo da Serra possuem uma muito parecida, que é a canção “Moça Bonita, chega da janela”.

Na marujada, ela diz:

Moça baiana
Chegue à janela
Venha ver os marujos, ó dolina
Que já vai pra guerra
(*Vídeo da Marujada na TVE, 2001*)

Dentro disso, é muito interessante inserir aqui neste texto uma canção popular do Espírito Santo, colhida e publicada por Afonso Cláudio de Freitas Rosa em seu “Trovas e Cantares Capixabas”, no início do século XX. Segue abaixo:

Canção do Náufrago

Mote
Dá Penha, á mãe milagrosa!
Livrai-me desta tormenta!
Tomba o mastro, voa a vela.
O mar meu barco arreventa!

Glosa
Com rumo ao mar inclemente.
Fez-se de vela o Espadarte;
Adeus ao nauta que parte,
Diz da praia toda gente!
Vendo-o postado silente,
Junto à amura perigosa,

Onde põe a mão calosa.
Ronda o vento e do fraguedo,
Sobe a onda no rochedo,
Da Penha, ó mãe milagrosa!

O dia se muda em noite.
Desce a chuva de granizo;
No céu é de fogo o friso,
Que o raio traça no açoite,
A quanta sombra se afoite,
Nessa hora lutulenta,
Após refrega cruenta,
A buscar a salvação;
Mas eis que fala o coração:
- Livrai-me desta tormenta!

Rija sopra a ventania,
Cresce da onda a montanha,
Cedendo a uma força estranha,
Que ela em vão contraria.
Redobra a bordo a agonia,
Com o rugir da procela:
Não fulge uma só estrela,
Que um lampejo derrame;
O raio rompe o cordame,
Tomba o mastro, voa a vela!

Colhido pelo revés,
Que o ameaçava tragar
O marinheiro a rezar
De joelho no convés
Se lança. Da cruz o sinal fez
E encanto a alma adormenta,
Amaina e cessa a tormenta.
Então, os olhos erguendo aos céus,
Exclama: - Entrego-me às mãos de Deus!
O mar meu barco arrebenta (ROSA, 1980).

É realmente muito interessante esta canção popular, esta poesia que resume em si a forma de representar a relação do mar tenebroso com a devoção que pode libertar, que tem sido descrita neste artigo. Mas, ainda há um último aspecto do universo ritualístico das festas de mastro do Espírito Santo, especialmente da Serra e de Vitória que merece realce. Trata-se dos elementos alegóricos que são usados na dramatização popular que apresenta a forma que aqui se mostrou o sistema de representações em relação ao mar, que aparece na Bíblia Sagrada e no universo das Grandes Navegações.

Alegorias

Até o momento de ser alçado em frente à Igreja local, o mastro com a bandeira de São Benedito, o ex-voto, adornado pela festa, é feita nas ruas da cidade uma puxada de um navio em terra. Na Serra, é a chamada “puxada do navio”, como ocorre em Nova Almeida, em Jacaraípe, em Pitanga e na Serra-Centro. Tal elemento não é original da Serra e do Espírito Santo, e trata-se de um conceito que remonta à Europa.

Um exemplo registrado da utilização do navio em terra provém da festa promovida pelo rei de Portugal D. João II em 1490, quando do casamento de seu filho D. Afonso com a infanta Izabel. Dizem os relatos que o rei mandou construir uma barca de 100 metros de comprimento, 24,75 metros de largura e 23,76 metros de altura. Com ela, representou-se um teatro seguido de música e festa.

O outro teatro ou auto que pode ter tido alguma repercussão na Festa de São Benedito da Serra e que também trazia a alegoria de uma barca que andava em terra é um famoso auto dos tempos coloniais brasileiros, o Auto das Onze Mil Virgens, realizado por iniciativa dos jesuítas. Em geral, este tipo de auto envolvia as comunidades, em especial os alunos dos colégios jesuíticos.

No Auto das Onze Mil Virgens, o navio com Úrsula e suas servas se depara com grande tempestade, que, sendo miraculosa, as conduz a um porto na Gália, onde Úrsula declara que faria uma peregrinação por toda a Europa antes de se casar. Ela teria ido a Roma e convencido lideranças católicas, como o Papa Ciríaco e o Bispo de Ravena, Sulpício, a acompanhá-la na peregrinação. Ela seguiu para Colônia (Alemanha), mas, quando lá chegou, foi surpreendida pelos hunos, que sitiavam a região. Os hunos decapitaram as virgens. Quanto a Úrsula, o rei dos hunos se encantou com sua beleza e modéstia e pediu que se casasse com ele; como ela se recusou, o rei a matou com uma flecha. Úrsula foi canonizada como mártir, seu dia de festa é 21 de outubro e a história que envolve sua morte ficou conhecida pelo mundo a fora, sobretudo nas nações católicas.⁸

José Ramos Tinhorão, citando o padre Fernão Cardim, dá uma descrição de um destes momentos em que o Auto das Onze Mil Virgens foi encenado no Brasil. O desfile em forma de procissão festiva e teatral (muito semelhante com o conceito da Festa de São Benedito da Serra) se deu na Bahia, em 1583, pela oferta da relíquia de mais uma cabeça das virgens martirizadas (conta Tinhorão que em 1584 havia seis destas cabeças no Brasil, três no colégio jesuítico da Bahia, uma em Pernambuco, outra no Rio de Janeiro e a outra possivelmente em São Paulo). Segundo Tinhorão, conforme o Padre Cardim, esta festa tinha um forte aspecto carnavalesco e eminentemente popular e causou muita euforia no povo, que foi quase todo para ver o evento.

⁸ Onze Mil Virgens. Disponível em: [HTTP://pt.fantasia.wikia.com/Onze_mil_virgens](http://pt.fantasia.wikia.com/Onze_mil_virgens). Acesso em: 28/02/2010.

CAMPOS, A. P.; VIANNA, K. S. S; MOTTA, K. S. da; LAGO, R. D. (Org.). *Memórias, traumas e rupturas*. Vitória: LHPL/UFES, 2013, p. 1-17.

Tendo como enredo a história das Onze Mil Virgens, a procissão tinha ala dos fantasiados de anjos, que acompanhavam as relíquias, e os destaques. Um ano depois, possivelmente em 1584, houve o acréscimo de um carro alegórico, que representava a barca das onze mil virgens, com pessoas em cima encenando as virgens mártires, que vinham ricamente vestidas em triunfo, segundo o Padre Cardim (TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular de Índios, Negros e Mestiços*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 19-20). Maria Stela de Novaes indica que tais festejos também ocorrem no Espírito Santo colonial por organização do jesuítas do Colégio Jesuítico em Vitória (NOVAES, s/d, p. 101).

Neste aspecto central, podemos dizer que a alegoria da barca coloca a Festa de São Benedito da Serra e também outras do Espírito Santo em igualdade com muitos folguedos do povo brasileiro ao longo da história, como as Cheganças, as Marujadas, os Fandangos e até mesmo o antigo auto jesuítico das Onze Mil Virgens. cremos que a barca alegórica abençoada na procissão e nas festas do povo em geral recebia uma aura de proteção, fundamental, na crença do povo, para enfrentar o mar tenebroso, tão perigoso e inesperado que só com proteção divina poderia ser enfrentado. O folclorista Câmara Cascudo que tais alegorias tinham a função de relaxar os temores do povo com relação ao mar (CASCUDO, 1980).

Referências

FONTES HISTÓRICAS:

BRITO, Bernardo Gomes de (org.). *História Trágico-Marítima*. Apresentação de Ana Miranda; Introdução e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, Contraponto Editora, 1998.

Festa de São Benedicto [sic]. *O Espírito Santense*, Vitória, Espírito Santo, 13 de mai. 1873. Annuncios [sic], p. 4.

Festa de São Benedicto do Rozario [sic]. *O Espírito Santense*, Vitória, Espírito Santo, 04 de dez. 1873. Secção [sic] Noticiosa, p. 4.

Horíveis Naufragios [sic]. *O Espírito Santense*, Vitória, Espírito Santo, 16 de jan. 1873. Secção [sic] Noticiosa, p. 2.

Horíveis Pormenores. *O Espírito Santense*, Vitória, Espírito Santo, 03 de abr. 1873. Secção Noticiosa, p. 3.

Naufragio [sic] do Paquete Francez Gambie. *O Espírito Santense*, Vitória, Espírito Santo, 19 de abr. 1873. Secção [sic] Noticiosa, p. 3.

CAMPOS, A. P.; VIANNA, K. S. S; MOTTA, K. S. da; LAGO, R. D. (Org.). *Memórias, traumas e rupturas*. Vitória: LHPL/UFES, 2013, p. 1-17.

Programa dos Festejos de Santa Catharina [sic]. *O Espírito Santense*, Vitória, Espírito Santo, 25 de nov. 1873. Anúncios [sic], p. 2.

Scenas do Mar [sic]. *O Espírito Santense*, Vitória, Espírito Santo, 26 de abr. 1873. Seção Noticiosa.

LIVROS, ARTIGOS E OUTRAS FONTES CONSULTADAS:

BRAVIN, Adriana. *Congopop. Mídia, música e identidade capixaba*. Vitória: Ed. do Autor, 2008.

CABEZA DE VACA, Álvar Nuñez. *Naufrágios e comentários*. Tradução de Jurandir Soares dos Santos. Coleção L&PM Pocket. Porto Alegre: L&PM, 1999.

Cadastro Nacional de Naufrágios. Site Brasil Mergulho. Disponível em: <http://www.brasilmergulho.com.br/port/naufragios/cadastro/index.shtml>. Acesso em: 25 abr. 2011; Naufrágios no Espírito Santo. Site Naufrágios. Disponível em: <http://www.naufragios.com.br/naufragiosespiritosanto.html>. Acesso em: 11 mar. 2010.

CASCUDO, Luíz da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Verbete: Barca. 5. Ed. Revista e aumentada. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

CORBIN, Alain. *O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COSTA, Michel Dal Col. *Devoções e brincadeiras de congo e de barco: princípios da descrição e da interpretação do Ciclo Folclórico e Religioso das Bandas de Congo*. Serra/ES. Relatório de pesquisa. Serra: Associação das Bandas de Congo da Serra-ABV, 2012.

_____. *Vou pra Serra pra ver história do congo ole á! Estudos históricos sobre festas populares da região central do Espírito Santo*. Relatório de pesquisa. Serra: Associação das Bandas de Congo da Serra-ABV, 2012.

ELTON, Elmo. *São Benedito. Sua Devoção no Espírito Santo*. Vitória: DEC/ES e Minc, 1988.

LINZ, Jaceguay. *Congo do Espírito Santo: Uma Panorâmica Musicológica das Bandas de Congo*. Vitória: [s/n], 2009.

NEVES, Guilherme Santos. *Bandas de Congos*. Cadernos de Folclore. Rio de Janeiro: MEC/Secretaria de Assuntos Culturais/FUNARTE, 1980. Nº. 30.

_____. “Puxada do Mastro” em Pitanga. *Folclore*. Vitória-ES, n. 27-29, de novembro de 1953 a abril de 1954.

_____. *Mastros, Bandeiras e Barcos nas Festas do Povo*. Folclore, Vitória-ES, n. 27-29, novembro de 1953 a abril de 1954.

CAMPOS, A. P.; VIANNA, K. S. S; MOTTA, K. S. da; LAGO, R. D. (Org.). *Memórias, traumas e rupturas*. Vitória: LHPL/UFES, 2013, p. 1-17.

NOVAES, Maria Stella. *História do Espírito Santo*. Vitória, ES: Fundo Editorial do Espírito Santo. s/d,

Onze Mil Virgens. Disponível em: [HTTP://pt. Fantasia.wikia.com/Onze_mil_virgens](http://pt.fantasia.wikia.com/Onze_mil_virgens). Acesso em: 28/02/2010.

PIRES NETO, Josias. *Dramas no Mar. Memória das Grandes Navegações Marítimas nas Chegadas de Marujos ou Marujadas*. Fundação Cultural da Bahia. Disponível em: [HTTP://www.fundacaocultural.ba.gov.br/04/revista%20da%20bahia/Folguedos/dramas.htm](http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/04/revista%20da%20bahia/Folguedos/dramas.htm). Acesso em: 28/12/2010.

ROSA, Afonso Cláudio de Freitas. *Trovas e Cantares Capixabas*. Introdução e Notas de Guilherme Santos Neves. 2. Ed. Rio de Janeiro: MEC-SEAC-FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1980.

SIQUEIRA, Francisco Antunes, 1832-1897. *Memórias do Passado: a Vitória através de meio século*. Edição de texto, estudos e notas de Fernando Achiamé. Vitória: Floricultura: Cultural – ES, 1999.

TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular de Índios, Negros e Mestiços*. Petrópolis: Vozes, 1972.